

Nogueira, Amanda; Alexandre Barbalho.
“Fechar com o certo é a nossa meta”:
sociabilidade e afeto entre jovens de
Fortaleza. *RBSE Revista Brasileira de
Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 48, p. 109-
118, dezembro de 2017 ISSN 1676-8965

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

“Fechar com o certo é a nossa meta”: sociabilidade e afeto entre jovens de Fortaleza

“Closing with the right is our goal”: sociability and affection among young people of the city of Fortaleza

*Amanda Nogueira
Alexandre Barbalho*

Recebido: 03.07.2017

Aceito: 28.09.2017

Resumo: O presente artigo tem como objeto de reflexão um grupamento juvenil de Fortaleza autodenominado de “família os Poderosos e as Poderosas”, com o intuito de compreender como seus integrantes dão sentido à ideia de “família” a partir de suas experiências de sociabilidade nos espaços públicos e por meio das mídias sociais. Para tanto, recorreu-se à pesquisa etnográfica e netnográfica, além de entrevistas com integrantes da “família”. **Palavras-chave:** juventude, sociabilidade, espaço público, mídia social

Abstract: The present article has as object of reflection a youth group of Fortaleza self-naming of “os Poderosos e as Poderosas family”, in order to understand how its members give meaning to the idea of "family" from their experiences of sociability in the public spaces and through social media. To do so, we used ethnographic and netnographic research, as well as interviews with members of the "family". **Keywords:** youth, sociability, public place, social media

Nos bairros de Fortaleza, capital do estado do Ceará, fora do espaço onde circulam as elites da cidade, um fenômeno se impõe ao observador: a existência de grupamentos juvenis. Estes grupamentos juvenis, autodenominados de “família”, se encontram presencialmente a cada semana em um espaço público, geralmente nas praças, e mantém uma comunicação cotidiana e intensa por meio das mídias sociais, particularmente o Whatsapp e o Facebook¹.

Estes grupamentos juvenis, autodenominados de “família”, não podem ser reduzidos à noção de subcultura juvenil (Hall; Jefferson, 2000; Hebdige, 2004), - pois não possuem um elemento cultural operando como identificador de seus membros; nem mesmo à de uma tribo (Maffesoli, 2006), - ainda que reúna muitas de suas características como o gregarismo. No entanto, estas “famílias” têm no afeto estabelecido entre seus membros, o seu “cimento social”.

O presente artigo tem como seu objeto de reflexão um desses grupamentos, “os Poderosos e as Poderosas”², com o intuito de compreender como seus integrantes dão sentido à ideia de “família” a partir de suas experiências de sociabilidade. Parte-se do pressuposto de

¹ Somente em uma das divisões administrativas da cidade de Fortaleza, a Regional VI, há pelo menos 15 grupamentos desse gênero.

² Nome fictício. Ao longo do artigo, a família poderá ser referida indistintivamente como “Os Poderosos e as Poderosas” ou “família poderosa”.

que o entendimento do que seja “juventude” é um *constructo* social, e uma categoria social (Barbalho, 2014; Bourdieu, 1983; Gropo, 2000), o que implica em uma pluralidade de definições e de agentes produtores de tais definições, inclusive os próprios jovens interlocutores da pesquisa.

Recorreu-se, para a realização desta análise, à pesquisa etnográfica e netnográfica. O que significou a realização de duas atividades básicas como aponta Emerson, Fretz e Shaw (2013). Primeiro, a entrada da pesquisadora³ no “cenário social” (*social setting*), onde participou de suas rotinas, estabeleceu relações contínuas com seus interlocutores e observou o que ocorria; em seguida, a elaboração de um diário de campo com o qual fixou aquilo que observou em suas “rondas diárias” (*daily rounds*) no cenário social pesquisado, tanto presencial, quanto virtual.

Assim, a pesquisadora foi praticamente a todos os encontros presenciais programados pela “família”, tanto no espaço público, em geral praças, quanto nas festas organizadas em espaços privados. Foram feitas ainda entrevistas com integrantes do grupamento que possibilitaram uma visão mais individualizada, ainda que permeada pelos sentidos do grupo, acerca de suas inserções nos poderosos.

Por sua vez, a pesquisadora foi inserida e esteve presente, na maior parte do tempo, em três grupos de WhatsApp da “família”⁴, o que lhe permitiu acompanhar seus integrantes, estabelecendo diários de campo entre os meses de março e novembro de 2015. Como forma de registro foram realizados *prints*, ou melhor, imagens fotografadas dos diálogos estabelecidos via WhatsApp entre os integrantes dos grupos.

O artigo está dividido em duas partes, seguidas das considerações finais. Na primeira, apresenta-se o que é a *família* “Os poderosos e as poderosas” e sua forma de organização e funcionamento. Na segunda, discute as especificidades de sua sociabilidade e afeto.

A família “Os Poderosos e As Poderosas”

Criada em 2012, a *família* “Os Poderosos e as Poderosas” surgiu a partir do interesse de três jovens, Rafael, Sandra e Richell⁵, em criar um grupo na Sapiranga, bairro situado na Regional VI de Fortaleza. Bairro que reúne tanto moradias populares, onde prevalece a carência de serviços públicos (transporte, saneamento, escola etc), quanto uma série de condomínios de casas de luxo.

A família passou a ser gerida, a partir do final de 2014, por seu *adm*⁶ e patrão⁷ Rafael⁸, que integra uma “diretoria” composta por outros membros cuja função é organizar a atuação do grupo. A interação cotidiana se dá por meio das mídias sociais, inicialmente o Facebook e hoje também pelo Whatsapp. Como rememora Rafael,

Então sempre existiu [Facebook], sempre os Poderosos foi muito bem organizado. Tem o álbum da diretoria no Facebook, tem o álbum feminino da diretoria, das meninas, tem o álbum dos meninos, tem o álbum feminino das meninas, que tem

³ Trata-se da pesquisadora e coautora do artigo Amanda Nogueira que desenvolveu sua pesquisa no âmbito do mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Ceará sob orientação do coautor do artigo Alexandre Barbalho. A esse respeito ver Nogueira (2016).

⁴ Os três grupos são: o geral, onde permanecem todos os integrantes, que chega até o limite de cem pessoas; o das Poderosas, feminino, que congrega as que se reconhecem desse gênero, inclusive mulheres trans, cerca de 60 pessoas; e o da diretoria, composto pelos jovens que regem a família e onde participam cerca de 15 pessoas. Estes são números aproximados porque constantemente integrantes saem ou são removidos, e outros são inseridos pelos administradores do ambiente.

⁵ Nomes fictícios sugeridos pelos próprios interlocutores.

⁶ A sigla, abreviação de administrador, é bastante utilizada na fala dos integrantes da família, porque nos grupos de WhatsApp designa os que administram os grupos.

⁷ Sigla utilizada pelos integrantes da família para designar aquele que a criou.

⁸ Sandra precisou se ausentar porque engravidou no período e Richell passou a trabalhar, o que os impediu de permanecer com suas obrigações junto à família.

meninas que já saíram que ainda tão no álbum porque já fizeram parte e eu não tiro. E tem o álbum dos encontros, tem o álbum das festas, isso organizado⁹.

Em relação ao Whatsapp, Rafael situa os grupos mantidos pela família durante o período da pesquisa:

Tem o grupo feminino, a feminina quer dizer, que é as poderosas, e tem o grupo geral, que é os poderosos e as poderosas, e tem o grupo da diretoria, que são ditas, são esclarecidas opiniões e julgões que haverá durante a semana, durante o encontro, durante uma festa. Organizações pra quem vai precisar. É isso que... Existe três grupos nesse caso, né? Não são dois. Dois é que são a parte dos membros, fora o da diretoria¹⁰.

Na família *existem* atribuições específicas dadas pelo Rafael aos componentes do grupamento. Em entrevista, o *adm.* fala sobre as funções e quem pode exercê-las:

Diretoria na verdade são só três pessoas. Mas como os poderosos sempre gostam de fazer um algo diferente. Então eu como sou dono, o Richell como é dono, a gente tem dois propósitos. Um de que? Deixar um pra apoio da diretoria, no dia que a gente não puder fazer algo, eles puderem fazer. Tipo organizar, eh... as camisas e deixar uma patroa pra ir buscar, outra pra entregar às meninas, um patrão arrecadar o dinheiro, pra ir deixar, e outra pra entregar aos meninos. E tem as puxadoras. As puxadoras foi uma intenção minha de fazer porque caso isso, eu não puder, e quem tá na diretoria não puder, pra diretoria as puxadoras são um braço direito. Isso é dentre elas, não vai chegar a comunicação pra mim. Vai chegar acaso o que? As puxadoras não puder, isso vai chegar pra mim. Dizer que não “ah eu não vou poder Rafael, por causa disso isso e aquilo”, isso vai ter que tá no papel de outra puxadora. Então, eu escolhi o que? Cinco puxadoras de Messejana, Castelhão, Barroso¹¹, Siqueira¹² e, onde eu moro, na Sapiranga. Essas cinco puxadoras, três faz com que evolua o grupo e as duas fazem o papel de braço direito da diretoria.¹³

Além da convivência virtual, a família mantém, desde o início, encontros semanais nas praças do bairro ou nas imediações, com revelam as imagens a seguir, que são convocações para as reuniões presenciais:



Figura 1 - Flyer virtual de divulgação de encontro da família poderosa.

Fonte: Prints de Amanda Nogueira.



Figura 2 - Flyer virtual de divulgação de encontro da família poderosa.



Figura 3 - Flyer virtual de divulgação de encontro da família poderosa.

⁹ Entrevista com Rafael em junho de 2015.

¹⁰ Entrevista com Rafael em junho de 2015.

¹¹ Bairros localizados na Regional VI e de baixo IDH.

¹² Bairro da Regional V também com baixo IDH.

¹³ Entrevista com Rafael em junho de 2015.

Pode-se dizer, fazendo uma analogia aos fluxos dos rios, que a família habita o local da praça para os encontros efêmeros e o WhatsApp para os perenes, sendo que existem intermitências na forma como os encontros se dão nas duas esferas.

Assim, tanto o ambiente *online* quanto o *offline* são formas de permanência e agregação de novos participantes ao grupamento, sendo geradores de encontros, fortalecimento, criação de novas conexões e expansão de sentidos – questão sobre a qual se retornará na parte seguinte do artigo. O diálogo *online*, de uma forma geral, é perene. Este estado perene, por outro lado, conta com certas intermitências na participação dos jovens, cuja necessidade de suspender a conexão entre si vem com o sono, o descanso, a escola, o trabalho, as obrigações domésticas, ou mesmo os possíveis assaltos em que os celulares são roubados, etc.

Portanto, há uma profusão de encontros no WhatsApp. Ao compararmos com o ambiente da praça, ou outros ambientes comunicacionais, é no WhatsApp que se mantém o maior fluxo entre os jovens. Ele serve tanto como um dispositivo de aproximação, quanto como uma forma de resolução de problemas. Como destaca Verônica, uma das “puxadoras” da família:

Eu acho que pras informações, pra família se conhecer mais, interagir todos os dias, com bom dia, boa tarde, boa noite. Quando a pessoa tiver passando por dificuldades, e quiser conversar tem alguém ali que pode chamar no privado, tem pessoas pra conhecer novas, tem novas histórias, novos humores, eu acho que isso muda a vida duma pessoa. Amizade, que às vezes eu acho que uma amizade faz falta na vida duma pessoa, o conselho... Tipo, hoje um menino ia matar uma menina, aí eu falei lá com ele que ele não fizesse isso não. Eu também tava doida pra pegar umas meninas daqui mas não ia fazer isso pra não acabar com a paz e tal... aí ele postou no face, me marcou dizendo que foi boas palavras no momento certo e tal porque ele ia fazer besteira mesmo.¹⁴

Quando uns param o contato devido a algum motivo, outros tomam o lugar e continuam a movimentar o ambiente. Aliás, quando não há movimentação há reclamação, tanto no WhatsApp quanto nos encontros da praça. Não interagir na rede ou faltar aos encontros é avaliado como “falta de respeito” e causa de “vergonha” para a família, como podemos perceber nas imagens a seguir:

Figura 4 - Diálogo printado no grupo das poderosas



Figura 5 - Início de diálogo printado no grupo geral da família poderosa

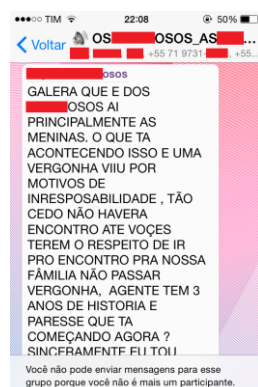


Figura 6 - Continuação de diálogo printado no grupo geral da família poderosa



Fonte: Prints de Amanda Nogueira.

¹⁴ Entrevista com Verônica (nome fictício) em outubro de 2015.

A proposta da *família* é que ela sempre cresça e que mantenha cada vez mais adeptos, a fim de que possa fomentar mais amizades. No entanto, é difícil precisar a quantidade de seus integrantes, pois há sempre pessoas entrando e saindo. Esse caráter fluido acompanha o grupamento e evidencia sua constante mutação (Latour, 2012). A perspectiva é que os encontros sempre “gerem”¹⁵ outros encontros. Como podemos depreender da fala de Rafael ao abordar o papel da comunicação entre os poderosos e as poderosas, onde o Whatsapp e o boca a boca se complementam para garantir que a *família* “aconteça”:

Foi no finalzinho de 2013. Aí era só 50 pessoas no WhatsApp. Aí eu coloquei as 50 mais que representavam e repassava pra dentro do grupo quem não tava o que acontecia pra poder chegar no encontro. Hoje não. Hoje já é cem pessoas que pode colocar no grupo. Já fica mais fácil, já fica muito mais fácil, muito mais melhor por causa da tecnologia. E é ficar adiante que os que tão no grupo tem aquela certa mentabilidade de repassar pros próprios amigos e pra própria gente que tá no grupo, que tá sem internet, que pode tá trabalhando e não pode tá vendo o WhatsApp. Tipo ter aquela entrosação dentro do grupo, entendeu?¹⁶

O nome da *família* “Os Poderosos e As Poderosas” é baseado no *videogame* “*The King of Fighters*”¹⁷. Existem duas personagens que representam o feminino e o masculino, a Leona e o Iori Yagami, e são elas que aparecem gravadas nas camisas dos poderosos e das poderosas [e nas imagens acima]. A justificativa que Rafael dá para a escolha de tais personagens é que a narrativa do jogo, no seu entendimento, fala sobre o “querer agir sempre pelo certo, nunca pelo errado”¹⁸. Tal lema convergeria com o seu interesse de fundar uma família onde seus componentes tivessem oportunidades de crescimento pessoal e ajuda mútua, e onde não houvesse o tráfico ou o uso de drogas ilícitas.

Deste modo, se algum poderoso for pego traficando internamente, isso pode acarretar sua expulsão. Tal ato feriria o *ethos* do grupo. Seria um desvio de conduta, como diria Becker (2009), ou seja, uma infração à norma reconhecida por todos que integram a família – norma criada pela diretoria para a manutenção de seus integrantes assim como para mediar as relações entre eles e que tem validade tanto nos encontros nas praças quanto no ambiente do WhatsApp e do Facebook.

É difícil em grupamentos como “Os Poderosos e As Poderosas” que as decisões sejam efetivamente aceitas por todos, ainda que, como observa Simmel, conciliar relações pessoais seja o “verdadeiro princípio vital dos pequenos grupos” (Simmel, 1983, p. 99). No caso da família poderosa, a conciliação dos relacionamentos e conflitos é feita pela diretoria e, especialmente, por Rafael, reconhecido por todos como dono, ou patrão. Isso não evita que haja certas crises. A problemática das relações de poder nos coloca a questão de como esses jovens se entendem como grupamento, ou, em outras palavras, como se entendem como “família”.

Os sentidos de *família* para os poderosos e as poderosas

Segundo Simmel, a família se define como

[...] socialização de um pequeno número de pessoas que se reproduz no seio de cada grupo mais vasto exatamente sob a mesma forma e que emana de interesses simples, acessíveis a cada um – portanto, um fenômeno facilmente conhecível por todos esses motivos. (Simmel, 2001, p. 20).

Portanto, a *família* seria, em geral, uma forma de grupamento duradouro exercida,

¹⁵ “Gerar”, para a família, significa sucesso de público e garantia de animação nos encontros presenciais.

¹⁶ Entrevista com Rafael em junho de 2015.

¹⁷ Abreviado oficialmente como KOF, é uma série de jogos de luta produzidos pela empresa SNK Playmore.

¹⁸ Entrevista com Rafael em junho de 2015.

principalmente, a partir de relações matrimoniais e de parentesco.

Mas como podemos entender o conceito de “*família*” entre “Os Poderosos e as Poderosas”? A partir de Simmel, observa-se que o termo também pode nomear diferentes formas de grupamento social. No caso dos poderosos e das poderosas, a família é entendida como um âmbito de construção de laços e vínculos. São afetos gerados a partir de ações de amizade.

De acordo com Rezende (2002), de uma maneira geral, as Ciências Sociais veem a amizade como uma relação afetiva e voluntária, envolvendo práticas de ajuda mútua, trocas íntimas e de sociabilidade, o que necessita de uma certa equivalência ou igualdade de posições entre amigos. Nessa visão, a noção estaria correntemente alocada no domínio da vida privada. No entanto, segundo o autor, essa perspectiva vem ganhando novos rumos a partir de uma sociologia das emoções que problematiza a localização da amizade e do afeto somente no âmbito privado.

Os integrantes da família “Os Poderosos e As Poderosas” mantêm relações de amizade em meio ao círculo ao qual integram que é também um campo intenso de negociações e de relações de poder. A própria nomenclatura que utilizam é resultado dessa negociação ao incluir o gênero feminino. Portanto, a constituição da amizade e da família entre os poderosos e as poderosas deve ser refletida a partir das relações de idade, raça, gênero, classe, dentre outras categorizações sociais. Como observa Simmel, o fenômeno da interação e da sociabilidade acontece a partir do “estar com um outro, para um outro, contra um outro” (Simmel, 1983, p. 168).

Nos diálogos estabelecidos com os integrantes da família, nas entrevistas e na pesquisa de campo, observou-se a existência de duas nomenclaturas dadas aos grupamentos: famílias e equipes¹⁹. Para os poderosos e as poderosas, as equipes se diferenciam das famílias pela forma como seus integrantes se relacionam entre si. O termo “família” seria característico de grupamentos em que seus participantes têm mais afinidade, se encontram com mais frequência, enquanto “equipe” seria apenas o ajuntamento, em que os integrantes não possuem um grau elevado de intimidade. Como esclarece a poderosa Verônica, “equipe é um nome dado a todas as equipes que têm aqui no bairro, tem várias equipes no bairro. E família é um modo carinhoso de interagir quando nós coloca família poderosos”²⁰. Assim, todas as famílias são equipes, mas nem todas as equipes são famílias.

Nas famílias é determinado que seus integrantes tenham práticas em comum a fim de que “representem”. “Representar” é a ação de se fazer presente e mostrar essa presença perante os outros, tanto *online*, quanto *offline*. O ato de representar se dá também quando um ou mais componentes de uma família comparecem ao encontro de outra família parceira. Isso é bem visto e resulta em retornos positivos para tais grupamentos. É comum que os participantes dos eventos compartilhem seus registros no Whatsapp a fim de que outros que não estavam no momento possam participar de alguma forma. O compartilhamento é também uma forma de comprovar a participação. Quanto mais pessoas nas fotos e nos vídeos, melhor. Famílias com muitos membros, a partir desse ato, mostram força perante seus iguais.

A autodenominação família diz respeito a um nível específico de amizade criada entre seus componentes, de ajuda mútua que os componentes tecem cotidianamente, em que contam com os participantes como amigos a quem poderiam se remeter a qualquer tempo. Questionada sobre sua família sanguínea e a que elegeram como sua (os poderosos e as poderosas). Verônica traz elementos interessantes acerca dos dois espaços de sociabilidade:

Bom... dentro de casa mesmo agora só tá eu, a minha mãe e dois irmãos, a

¹⁹ De forma menos presente, os jovens se reportam às famílias e equipes como galeras - expressão bastante utilizada entre as juventudes e que já foi objeto de estudo de pesquisadores em Fortaleza (Diógenes, 2008).

²⁰ Entrevista com Verônica em outubro de 2015.

Sulamita²¹ que também faz parte dos poderosos, e o Tião²², de sete anos. Fora tem o meu namorado, né? Tem meu pai. E minha relação é boa... é boa. Sempre brigo com algumas pessoas, né? Da família... mas é boa. Bom... minha família carnal... que é minha família... assim... tem minha mãe que é uma pessoa que eu jamais vou substituir por ninguém, meu pai, meus irmãos, que querendo ou não minha irmã, pode ser chata como for que às vezes eu tenho vontade de espancar ela, mas é minha melhor amiga, né? Então assim, dentro de casa, ela e minha mãe, eu e minha mãe às vezes temos nossas desavenças. Mas com elas, a pessoa pode ter certeza que é uma coisa mais íntima, se sentir mais bem. Agora as pessoas de fora que é a família dos poderosos nós vamos conhecendo pouco a pouco e é ali que nós vamos poder considerar alguém como amigos, porque no momento é colegas que nós tem, entendeu? Não pode considerar como amigo porque hoje em dia é difícil a pessoa contar realmente quem é amigo, entendeu? A pessoa conta nos dedos... então assim, eu considero algumas pessoas como amigo e outras como colega... e procuro cada vez a amizade ir preenchendo, preenchendo pra que vire uma coisa melhor e eu possa chamar de irmão ou irmã.²³

Como se observa, a construção da amizade e da intimidade se dá no gradual conhecimento do outro: primeiro há o reconhecimento do coleguismo; depois, dependendo da proximidade e do estabelecimento de uma confiança mútua, pode-se gerar “irmãos” e “irmãs”.

Como ocorre com as famílias consanguíneas, as famílias de amigo não são pura liberdade e autonomia. Há também formas de hierarquização, ainda que diferente daquelas usuais entre pais e filhos. Como situa Lisboa,

Os amigos reconhecem a consideração positiva e o cuidado que uns dedicam aos outros e, desta forma, experimentam sentimentos de mais valia. As relações afetivas com pais, por exemplo, provêm de uma natureza hierárquica distinta e existe uma expectativa social de que os pais devem amar seus filhos, por isto, o afeto e a aceitação que a criança experimenta nas relações com os pais podem não ser tão poderosos e influentes no seu processo de desenvolvimento como o sentimento de afeição demonstrada livremente por um amigo (Lisboa, 2012, p. 87).

É um outro tipo de construção que denota mais organização do que outro tipo de poder. Assim, não há entraves para fazer parte da família poderosa. No entanto, as pessoas precisam obedecer algumas normas de conduta. Para a entrada da pesquisadora e coautora do artigo no grupamento, não houve especificamente um tipo de ritual de iniciação, mas um diálogo de apresentação de quem seria e o que estaria fazendo naquele ambiente. E só pôde entrar quando demonstrou que estaria disposta a ajudar.

Vê-se o quão intensa é a ação de estar conectado na família poderosa. Como afirma Oliveira, estar conectado na sociedade contemporânea é “o ato de estar em permanente condição de fazer sentido para si e para o outro” (Oliveira, 2008, p. 35). O sentido é assim construído entre os que fazem parte deste grupo, sendo que sua construção permanece constantemente em aberto de acordo com a ligação desses sujeitos com as mídias.

Para Rezende, deve-se analisar as emoções em seu caráter performativo e comunicativo, como formas pragmáticas de construção de relações, colocando em destaque a amizade como algo que não é estanque, mas sim “dependente do contexto em que é produzida e, assim, perpassada por negociações de significado e poder” (Rezende, 2002, p. 74). Pensamento próximo ao de Schutz (1979) quando esclarece que as relações sociais se concretizam a partir dos atos comunicativos recíprocos entre o Eu e os outros, na potência

²¹ Nome fictício.

²² Nome fictício.

²³ Entrevista com Verônica, poderosa e puxadora da família no Conjunto Alvorada, em outubro de 2015.

desse encontro. É o que, para a Teoria da Comunicação, seria o “entre-dois”: esse momento em que “[...] a comunicação efetivamente acontece, instante da constituição de sentido quando dois elementos entram em fricção. Chamado por alguns de fronteira, fina película, o entre-dois articula matéria e sentido nos processos comunicacionais” (Marcondes Filho, 2012, p. 23).

É possível pensar esse entre-dois como entre-muitos ou entre-vários: diálogos são tecidos não apenas entre um e outro, mas entre vários, tanto nos encontros das praças, quanto nos espaços virtuais das mídias sociais. Assim, para os jovens poderosos o celular não é apenas uma ponte de encontro, mas parte constitutiva dessas relações. Afinal, como aponta Latour (2012), nossa constituição, enquanto indivíduos relacionais, está inserida também nas formas como os dispositivos são utilizados, em sua materialidade, no *design* apresentado e nos modos como as redes de associações são criadas.

Contudo, como já explicitado anteriormente, na família “Os Poderosos e As Poderosas” a dimensão do encontro não se perde pelo uso do celular. E, mais ainda, diversas são as oportunidades geradas para que a possibilidade do encontro exista e seja reforçada, como sugere Rafael:

Assim pessoalmente é melhor. Mas a gente não vai ter o diálogo de falar pessoalmente devido o WhatsApp. Porque o que dá o pontapé é o WhatsApp. Tendo aquela responsabilidade de querer mostrar o que você tá sentindo pra poder falar pessoalmente. Tipo, as minhas intenções no grupo dos poderosos é esse de querer lotar o encontro e de fazer a diferença pra quem tá falando mal. E como eu vou fazer isso, entendeu? Eu fico imaginando assim. Tipo, eu ia falar só por boca por aí que dia 04 ia ter encontro, que a gente vai voltar? Aí dia 04 não lotar?²⁴ Isso vai ficar feio pra mim não tendo a dialogação do WhatsApp, entendeu? Se não existisse WhatsApp hoje em dia dentro da família, eu acho que a gente não era o mesmo, entendeu?²⁵

Isso se expressa nas formas como os poderosos e as poderosas manejam outros tipos de recursos, gerados pelas relações que estabelecem uns com os outros. São percursos culturais, de ser e permanecer no mundo, que viabilizam suas trocas e interações; percursos que são recursos de reconhecimento de si perante o outro e à comunidade em que se vive (Yúdice, 2006).

Esses jovens expõem seus desejos, amores, assim como seus desafios, suas perdas, dúvidas e revoltas por meio dos grafos e assim, como diz Campos, “interferem na paisagem metropolitana”; com seus *graffitis*, se apropriam da “corporeidade da cidade”, “na circulação dos corpos gregários, que, diferentemente adornados e mobilizados, vão ostentando a sua presença” (Campos, 2010, p. 27). Criam novas palavras, formas de se comunicar, de agir, novos apelos visuais a partir da forma como se vestem ou nas marcas que deixam pelos muros.

A música é outra forma de expressão potente dos afetos destes jovens. Por meio dela, eles falam, expõem retratos do cotidiano, o que sentem, de onde vêm e como se consideram, como o funk composto por MC Noiado²⁶, que se considera um poderoso e foi criado especialmente para a família. Na letra, MC Noiado assume sua condição de pobre, da favela, enaltecendo a influência que a família poderosa mantém na comunidade por meio de seu lema “Fechar com o certo é a nossa meta”:

²⁴ Esta data a qual o administrador Rafael se refere foi o dia 04 de julho de 2015, em que ele esperava que o encontro lotasse, devido ao esvaziamento dos quatro encontros anteriores. Essa foi uma grande preocupação de Rafael, por ele considerar a família parte importante de sua vida e porque as outras famílias equipes já estariam falando que “Os Poderosos e as Poderosas” haviam acabado.

²⁵ Entrevista com Rafael em junho de 2015.

²⁶ Nome fictício.

Fechar com o certo é a nossa meta
 Fala pra nós quem é o poder
 É o Bonde dos Poderoso PDêêêêêê
 Entre beco, ladeira e viela
 Nós somos o terror da favela
 Porque a lei da minha quebrada
 É a lei da selva
 (...)

E se nós vem de confusão
 Tu ainda pergunta isso?
 Disposição é o nome do bonde
 E se tem guerra
 Aqui ninguém se esconde
 Comando Poderoso já tá pronto pro combate
 Com nós não tem erro
 Todo jogo é xeque-mate
 Só os Poderoso
 Que não falha na missão
 MC Noiado poderoso de plantão
 É tô confirmando
 E não tô enganado
 É os Poderoso
 O Terror dos recalçados
 (...)

Pobre por natureza
 Loucos por opção
 Comando firma forte
 Poderoso monstrão²⁷.

Considerações finais

Como se pôde observar, a família Os poderosos e as poderosas constituem a sua sociabilidade e sua teia de afetos por meio das relações estabelecidas off-line, nas praças e festas, e onlinne nas mídias sociais (Facebook e Whatsapp). Nesse sentido, há uma espécie de dobra ou de dobradas entre as duas esferas de participação, como ambientes constitutivos das conexões dos integrantes deste grupamento. Em meio a todas as construções sociais que emergem e imergem cotidianamente a partir do uso de tecnologias comunicação e do espaço público da cidade, se dá a potência do encontro e as formas de associações são construídas.

A partir da etnografia, se percebeu como não existe para os jovens poderosos a dicotomia entre o presencial e o virtual, como um alimenta o outro. Os membros da família usam o celular e se mantêm conectados, e sem ele, como analisa o próprio Rafael, o grupamento não seria o mesmo. Provavelmente haveria outra forma de comunicação, mas certamente seria bem diferente do que é propiciado pela tecnologia móvel vigente e por este aplicativo.

A família pesquisada é apenas uma entre várias que existem na cidade. Assim como ela, fazem parte da rede que une e que cria novas associações. Famílias que criam suas próprias normas, sua organização, sua política de amizade e seu sistema de valores e, assim, de forma desviante vão se desviando das dificuldades de viver em meio a baixos índices de desenvolvimento humano.

Referências

Barbalho, A. *A criação está no ar: juventudes, política, cultura e mídia*. Fortaleza: EdUECE,

²⁷ Letra de música criada por MC noiado em agosto de 2015.

2013.

Bourdieu, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

Becker, H. S. *Outsiders: estudos da sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Campos, R. *Porque pintamos a cidade? Uma Abordagem Etnográfica do Graffiti Urbano*. Lisboa: Fim de Século, 2010.

Diógenes, G. *Cartografias da cultura e da violência*. São Paulo: Annablume, 2008.

Emerson, R. M.; R. I. Fretz; L. L. Shaw. Notas de campo na pesquisa etnográfica. *Revista Tendências: Caderno de Ciências Sociais*, n. 7, p. 355-383, 2013.

Gropo, L. A. *Juventude: Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

Hall, S; T. Jefferson (ed). *Resistance through rituals. Youth subcultures in post-war Britain*. Nova York: Routledge, 2000.

Hebdige, D. *Subcultura. El significado del estilo*. Barcelona: Paidós, 2004.

Latour, B. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA, 2012.

Lisboa, C. Quem tem amigo nunca está sozinho? Ou antes só do que mal acompanhado? Relações de amizade: fatores de risco e proteção. In: C. S. Hutz; L. K de Souza. (Org.). *Amizade em contexto: desenvolvimento e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

Maffesoli, Michel. *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

Marcondes Filho, C. *Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2012

Nogueira, A. *A Família "Os Poderosos e As Poderosas": percursos juvenis entre o WhatsApp e a Praça*. Dissertação. Fortaleza: Mestrado em Comunicação/Universidade Federal do Ceará, 2016.

Oliveira, A. C.. Interação nas mídias. In: Primo et al (org). *Comunicação e interações*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

Rezende, C. B. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. *Mana*. v. 8, n. 2, p.69-89, 2002.

Schutz, A. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Simmel, G. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Simmel, G. A natureza sociológica do conflito. In: E. Moraes Filho (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.

Yúdice, G. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.